

2. Futebol: um esporte de machos?

FUTEBOL, VIOLÊNCIA E MASCULINIDADE

Norbert Elias e Eric Dunning (1995) veem o esporte como uma ferramenta de pacificação social. Os autores explicam que as disputas esportivas proporcionam emoções fortes e excitação, mas sem o risco de causar mortes, situações perigosas ou perda de autocontrole. Nessa linha de pensamento, é possível dizer que o futebol se aproxima da guerra, sendo um combate entre nós e eles de forma controladamente violenta. Para esses autores, as sociedades procuram maneiras de liberar as tensões acumuladas pelos indivíduos, sendo o esporte uma das formas de satisfazer os impulsos instintivos e emocionais que são abafados pelas regras sociais. Através dele, as pessoas podem liberar o esforço que precisam fazer para que consigam se conter no dia a dia.

Em sua origem, o “protofutebol” era bastante violento e fazia parte da construção da identidade masculina dos jovens na Inglaterra. Na formação da Football Association, em 1863, houve uma tensão entre os clubes que queriam que as caneladas fossem permitidas e os que demandavam sua proibição. Aqueles que defendiam as caneladas diziam que, se elas fossem retiradas, o esporte se tornaria afeminado. Ainda que essa história mostre uma tentativa de tornar o futebol mais “civilizado”, o esporte continuou sendo um lugar fértil para

uma masculinidade violenta. Roberto (Bharbixas, 2018) tem percepções semelhantes.

O futebol nasceu de homens numa época mais machista do que a que a gente vive. Então sempre foi um esporte majoritariamente de homens, que as mulheres começaram a jogar muito tardiamente.⁵ Naquele ambiente, foi reproduzido sempre a masculinidade, o machismo, a homofobia. (Roberto, Bharbixas, 2018)

A Inglaterra, berço desse esporte, tem uma história de enfrentamento à violência ligada a ele muito proeminente. Isso se deve aos *hooligans*, como são chamados, no país, grupos de torcedores que cometem violência e vandalismo, frequentemente ligados a esportes como o futebol. Em 1985, *hooligans* do Liverpool atacaram torcedores do Juventus e deixaram mais de trinta mortos. Pablo Alabarces (2014) explica que, inicialmente, havia o pensamento de que os *hooligans* eram compostos apenas por trabalhadores. Entretanto, posteriormente, constatou-se que o grupo era muito mais diversificado e que seus membros não eram particularmente violentos fora daquele contexto. Na verdade, o fenômeno estava muito mais ligado ao confronto entre torcidas e ao pertencimento aos grupos. Aqui no Brasil,

5 Como vimos no capítulo anterior, a prática do futebol por mulheres começou a acontecer pouco tempo depois da popularização desse esporte, tanto na Inglaterra quanto no Brasil. Entretanto, devido à invisibilidade desse movimento, o discurso de que ela começou a ocorrer tardiamente acaba sendo naturalizado.

as brigas entre torcidas organizadas também já deixaram mortos. Em novembro de 2021, por exemplo, um torcedor do Atlético Mineiro foi atacado e morto por membros da Máfia Azul, torcida organizada do Cruzeiro. A Máfia Azul foi banida dos estádios por seis meses. Em março de 2022, um torcedor cruzeirense é quem foi baleado e morto em uma briga entre torcedores dos dois clubes, envolvendo cerca de cinquenta pessoas. Na ocasião, as duas torcidas foram afastadas dos estádios por um ano.

A violência relacionada ao futebol é uma prática na qual a resistência está inscrita no corpo. Por isso, liga-se a esse ritual também o excesso no uso de álcool, como forma de explorar os limites corporais. Essa resistência é uma tarefa masculina que defende a honra e a tradição do time através do combate e da luta. O universo esportivo de contato físico está ligado à dominação masculina na medida em que gira em torno da força e da virilidade. Nesse contexto, modelos hegemônicos de masculinidade construídos no esporte funcionam como exemplos a serem culturalmente exaltados. Os jogadores manifestam um *ethos* guerreiro, ligado a superioridade, força e controle. Então, tais comportamentos são fiscalizados pelas pessoas torcedoras, que têm os ídolos como modelos de conduta.

Nos estádios de futebol, há uma disputa entre as torcidas dos dois times relacionada a signos de masculinidade, entre eles a violência. Os torcedores aplaudem quando um jogador do seu time ameaça brigar com jogadores do time rival. Até mesmo beber mais, cantar mais, insultar mais os oponentes demonstram uma masculinidade superior à dos rivais. Beber com os amigos do mesmo gênero depois de uma

partida de futebol é parte integrante do ritual de muitos praticantes amadores do esporte, e isso é constitutivo do prazer que eles sentem em jogar futebol. Segundo Ângelo (ManoTauros, 2018), os membros do seu time sempre iam ao bar depois dos jogos.

A gente sai, assim, depois do futebol... eu acho que é uma característica bem de pelada, assim, independente se é hétero, se é gay. Depois do futebol tem uma resenha. E todas as peladas abertas e o amistoso foram uma hora e meia, duas hora de futebol, e três de buteco. Mas sem estruturar, né? Foi: “vamo pro boteco?”, “vamo”, “vamo”, “ah, eu não vou não”, “ah, cê vai sim”. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

O Bharbixas tem a palavra “bar” no seu nome exatamente por isso. Lúcio (Bharbixas, 2023) destacou esse momento de sociabilidade, lembrando de como ele era comum, especialmente no início do time, quando o nome da equipe foi criado: “a gente se juntava pra jogar e, depois, era um ambiente bem amistoso, em que a gente ia pro bar beber. A gente sempre ia pro bar beber. Então, era o momento, assim, de confraternização nosso, muito legal, muito gostoso”.

Apesar do aumento da presença de mulheres nos estádios, o espaço ainda guarda rituais de sociabilidades voltados especificamente para a construção de uma masculinidade machista e homofóbica. Ela normalmente não é vista como uma manifestação violenta, mas “natural”. Nos estádios de futebol, ações que não são aceitas em outros espaços se tornam autorizadas, como o uso eloquente de palavrões para insultar a torcida e os jogadores rivais,

além do árbitro. Essas manifestações têm um caráter ensinado, como destacam Gustavo Bandeira e Fernando Seffner (2013, p. 255): “o comportamento dos torcedores nos estádios de futebol não é natural. Os indivíduos são inseridos em uma série de narrativas e práticas que produzem as formas de expressão permitidas e mesmo as emoções adequadas nesse espaço cultural”. O caráter do futebol de funcionar como uma catarse para as emoções cotidianamente reprimidas faz com que, no estádio, sejam aceitos comportamentos que fora dele não são tão aceitáveis, incluindo manifestações de violência física e verbal. Dessa forma, a desculpa do “calor do momento” redime os agressores de culpa. Adicionada a isso, há a questão da multidão: quando é todo um estádio gritando palavras violentas, não se encontra indivíduos para serem culpados.

AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Ao apresentar dados sobre a prática do futebol no contexto escolar, gostaria de chamar a atenção para dois pontos. O primeiro é que algumas referências que serão acionadas apresentam quadros concernentes às décadas de 2000 e 2010. No entanto, o que se pretende fazer aqui não é uma caracterização da realidade do ambiente escolar na atualidade, mas sim discutir como tem sido o histórico de experiências de crianças com o futebol nesse ambiente. Isso se justifica pelo fato de que os times de futebol LGBTQIAPN+ estudados eram compostos por adultos de diferentes idades que frequentaram o ambiente escolar em momentos distintos. Na última década, esforços têm sido

realizados em algumas escolas para mudar os padrões tradicionais de gênero nas aulas de Educação Física. No entanto, o mais importante aqui é caracterizar traços persistentes desse espaço de interação. O outro ponto é que as pesquisas sobre o ambiente escolar, como já se poderia prever, têm sido conduzidas de forma binária, separando as crianças entre meninas e meninos: dois grupos apenas. Essa tendência acompanha a própria lógica escolar, que separa as turmas internamente dessa mesma maneira. Portanto, nesta discussão, as alunas, alunos e alunes que aparecem nas análises consultadas também serão referenciadas pelas categorias “meninas” e “meninos”.

Leandro Macagnan e Mauro Betti (2014) indicam, por meio de investigação com alunos do ensino fundamental, que o interesse pelo futebol é compartilhado pela grande maioria dos meninos, mas por apenas uma parcela bastante pequena das meninas. Isso está diretamente ligado ao fato de que, historicamente, no país, as aulas de Educação Física são divididas por gênero, com os meninos praticando futebol, e as meninas vôlei ou queimada. Essa divisão dos esportes por gênero está ligada à visão de que futebol é um jogo de meninos. Os esportes que exigem mais esforço físico, movimentos violentos e contato corpo a corpo são considerados adequados apenas para eles, já que são vistos como mais fortes que as meninas. Para elas, ficam os esportes que exigem movimentos mais leves e que proporcionam um maior distanciamento dos corpos.

Eliene Faria (2009) observou como o futebol se envolve na construção da masculinidade de meninos de um bairro da periferia de Belo Horizonte. Ela acompanhou a prática do esporte no ambien-

te escolar formal, nas “escolinhas” de futebol, em projetos sociais e nas peladas de rua. A autora sugere que, nesses espaços, os meninos adquirem habilidades necessárias para jogar futebol, mas também para se comportarem como homens, de modo que a prática do esporte funciona como um ritual de aquisição da masculinidade. Num contexto em que o prazer de jogar futebol tem a ver com estar com outros homens e meninos compartilhando a masculinidade.

Enquanto muitas meninas têm acesso ao futebol apenas na escola, os meninos já chegam a esse ambiente com algum nível de experiência com o esporte. Nas práticas mistas entre crianças nas escolas, os meninos tendem a reproduzir a visão de que menina não sabe jogar. Elas são acusadas de não “dominarem a bola” e sofrem reclamações dos colegas, sendo “zoadas” a cada erro. Por isso, algumas meninas que se interessam pelo futebol acabam se sentindo à vontade para jogá-lo apenas com outras meninas fora da escola. No entanto, mesmo em outros espaços, como em projetos sociais e peladas de rua, as oportunidades para a prática por meninas são muito mais restritas. Por essas associações de gênero, a menina que gosta do esporte é estigmatizada como “maria homem”, e o menino que não gosta como “mulherzinha”. Esse processo de negação se insere dentro de um contexto histórico no qual a prática do futebol foi negada para as mulheres – tendo sido proibida de 1941 a 1979 –, mas imposta aos homens como parte constituinte da identidade masculina no país.

Nas práticas mistas na escola, Faria observou como era considerado uma humilhação para um menino sofrer um drible ou levar gol de uma menina. A autora constatou que, de fato, as meninas apre-

sentavam menos habilidade ao jogar. Mas isso se justifica pelo fato de que o acesso delas ao futebol é desincentivado e, em boa parte das vezes, negado. Como seria possível adquirir habilidade em uma atividade sem ter tido a oportunidade de realizá-la? É depois de aprender a jogar que os meninos adquirem uma performance que faz com que pareça que eles nasceram para isso. Para que uma pessoa adquira habilidade no futebol, ela precisa ser admitida como “iniciante”, e as meninas não recebem essa oportunidade. Aceitar alguém como iniciante seria ter paciência e disposição para ensinar à pessoa que ainda não sabe. Os meninos mais novos seriam vistos como iniciantes pelos outros meninos, mas as meninas não, por acreditarem que elas não teriam potencial. Entretanto, mesmo quando um menino é considerado sem habilidade, ele não perde a legitimidade para jogar.

Contudo, isso deixa de valer caso ele seja afeminado. Faria conta que um dos meninos observados na escola tinha amizade com meninas e era considerado afeminado pelos outros meninos. Desse modo, ele não era chamado para jogar bola, nem para “compartilhar a masculinidade” com eles. Por isso, ele passava as aulas de Educação Física jogando queimada com as meninas. Esse movimento também costuma ocorrer no sentido contrário: é o menino afeminado quem voluntariamente pode se afastar dos meninos e se sentir à vontade para fazer a Educação Física apenas com as meninas, seja por identificação ou para fugir de hostilidades. Em alguns casos, a pessoa docente de Educação Física que aceita que é menino ou menino afeminado faça as atividades com as meninas está agindo de forma a proteger o aluno ou aluna de sofrimentos e exclusões. Roberto (Bharbixas, 2018) comentou sobre essa binariedade.

O futebol sempre foi símbolo de homem, tal ponto que “meninos jogam futebol”: essa era a mentalidade da minha professora. Quando eu tava na terceira série, eu odiava futebol, aos nove anos, enquanto a maioria dos meus amigos gostavam. E a minha professora da terceira série falou: “meninos jogam futebol, meninas jogam queimada. Meninas jogam vôlei, meninos futebol”. Ou seja, tem uma relação entre ser menino e jogar futebol. Então, se você não joga futebol: “hum... aquele ali... hum...”, “essa Coca é Fanta”, aquela velha piadinha, porque não gosta de futebol. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Faria observou também como os praticantes mais velhos vigiavam a masculinidade dos mais novos e os corrigiam. Ela conta que um professor chamou a atenção de dois meninos que estavam próximos e se tocando, dizendo: “vamo parar com viadagem!” Durante os jogos, expressões como “joga igual mulherzinha” ou “igual moça” eram usadas como sinônimo de jogar mal. Lúcio (Bharbixas, 2023) ressaltou essa relação entre futebol e masculinidade: “é sempre uma coisa muito... essa coisa de ‘ah [ênfase no ‘ah’], o futebol...’ Enfim, o hétero gosta de botar isso num pedestal de virilidade, né?”

Faz parte da masculinidade do futebol zombar dos colegas que se aproximam do que é tido como feminino. Nesse ritual, são importantes elementos não diretamente ligados ao esporte, mas associados à masculinidade, como cuspir no chão e “coçar o saco”, por exemplo. Assim, o domínio do futebol funciona como um atestado de masculinidade. Tudo isso é parte do processo de socialização binário de meninas e meninos. A obrigação que o menino tem de gostar do

futebol, inclusive, começa enquanto ele ainda é um feto. A partir dos chás de revelação, popularizados na última década, com o azul usado para generificar o feto com pênis, passam a ser acionados brinquedos e modelos para definir sua identidade generificada, entre eles, os super-heróis, os carrinhos e a bola de futebol. Por outro lado, no caso das meninas, a referência ao esporte não é comum. Ao invés disso, o que acompanha o cor-de-rosa são elementos como princesas, bailarinas e casinhas de brinquedo.

No intuito de superar a lógica binária de generificação dos corpos, é preciso entender que, apesar de o futebol dividir as crianças em “meninas” e “meninos”, os corpos não cisheteronormativos fogem a essa simplificação. Dizer que os meninos aceitam uns aos outros como iniciantes só vale até a página dois, já que isso só vale para meninos que compartilham o modelo de masculinidade necessário. Assim, a trajetória de exclusão das meninas no futebol é compartilhada por meninos e meninas afeminados. Eles se distanciam do masculino e se aproximam do feminino, sendo, por isso, colocados binariamente do lado das meninas na divisão entre as crianças que devem ou não jogar futebol.

Mas é interessante observar que não estamos falando aqui de homo-orientação. Até porque, muitas vezes, as crianças nesse período escolar ainda não têm sequer uma consciência sobre a determinação da sua sexualidade. A questão, portanto, não é se é menino ou menina é ou não gay. A questão tem a ver com o fato de que ser afeminado é visto como sinônimo de ser gay. Assim, todo menino ou menina afeminado, seja homo ou hétero-orientado, é levado a

essa exclusão. No entanto, os meninos não afeminados, mas que são homo-orientados, continuam sendo aceitos como meninos, pelo menos até que sua homo-orientação seja descoberta. Dessa maneira, não é possível dizer que todo menino gay teve uma experiência difícil com o esporte na infância, mas sim que todes meninos e meninos afeminados provavelmente tiveram. Pedro (Bharbixas, 2018) contou como era sua experiência como menino gay nas aulas de Educação Física.

Durante a escola, nas aulas de Educação Física, eu transitava, eu gostava de jogar queimada com as meninas, jogar futebol com os meninos e, sempre que ia jogar o futebol tinha aquela coisa de ser o último a ser escolhido. Não necessariamente porque eu era o pior, mas, porque eu era gay, claramente. E eu me assumi homossexual muito jovem, catorze anos de idade, então, a parti daí, a prática do futebol uma vez que cê se assume já fica mais difícil. (Pedro, Bharbixas, 2018)

A experiência de ser escolhido por último é um trauma compartilhado por muitos meninos e meninos nessa situação. Um membro do Alcateia (Manhuaçu/MG), com quem conversei durante a 5ª edição do Champions LiGay (2019), contou que, para ele, essa exclusão implica, muitas vezes, em um desinteresse pelo futebol.

Eu, antes de conhecer o Alcateia, na verdade, eu nunca gostei de futebol. Sempre, na escola, eu nunca gostei. E eu acho que é a realidade de muitos homens gays no mundo. Porque o futebol sempre foi considerado um esporte de homens cis

héteros. Então, os gays, às vezes não... Por que que fala que o gay não joga futebol? Porque, no meu caso, por exemplo, falo por mim, eu sempre me senti excluído, nunca tive vontade de jogar, me sentia o diferente já, desde novo. Então eu nunca tive curiosidade. (Membro do Alcateia, 2019)

É importante identificar que, no caso, não é o desinteresse o que, inicialmente, leva a criança a não jogar, mas sim a violência sofrida que faz com que o desinteresse surja.

VIADO NÃO PODE GOSTAR DE FUTEBOL?

Nas torcidas dos estádios de futebol, a rivalidade se dá a partir da formação de um senso de “nós” contra “eles”, no qual “nós” são os torcedores do mesmo time que eu, e “eles” são os torcedores do time rival. “Nós” somos diferentes “deles” e superiores a “eles”. Ambas as torcidas se posicionam assim, uma em relação à outra. A interação que historicamente se estabelece entre as torcidas é a de deslegitimação da masculinidade “deles” a partir da “acusação” de serem sexualmente passivos em relação a outros homens.

Analisando as torcidas do Grêmio e do Internacional, essa “acusação” estaria sintetizada pela palavra “puto” (que, no Rio Grande do Sul, quer dizer “viado”), forma como o membro da outra torcida é chamado pelos adversários. Mas é interessante perceber que o que produz o putto não é ser sexualmente ativo em relação a outro homem, mas sim “chupar rola e dar o cu”, nas próprias palavras presentes nos cânticos que essas torcidas historicamente cantam uma

para a outra. Isso porque a violência sexual contra o rival, expressa em outra parte desses cânticos – “atirei o pau no Inter/Grêmio” – não coloca em risco a masculinidade da torcida que canta essas palavras. Pelo contrário, é uma forma de tirar a masculinidade do outro. Uma lógica que parece, inclusive, guardar relações com os estupros de guerra, no qual um exército marca sua vitória sobre os adversários e a conquista do território ao estuprar “suas” mulheres. Por muito tempo, esses cânticos não foram vistos como uma forma de violência pela mídia e pela academia, mas sim como uma prática “divertida” e até “saudável”, que “faz parte” do futebol.

Para Gustavo Bandeira e Fernando Seffner (2013), mesmo quando essas manifestações são vistas como uma forma de violência, existe um esforço para separar a violência “real” (física) da violência “simbólica” (verbal). A primeira é menos aceita, mas a segunda, dirigida a grupos desvalorizados como mulheres e gays, frequentemente é naturalizada. É como se a humilhação não fosse real, e se essa desvalorização não alimentasse o sistema que dá sustentação à violência física. Contudo, na sociabilidade das torcidas de estádios, em que é cultuada uma masculinidade exacerbada, a violência verbal sempre pode se transformar em violência física. Ela, por sua vez, pode se dirigir aos rivais, que são os membros da outra torcida, ou aos “outros” da masculinidade, que são os homens gays.

Bandeira e Seffner sugerem que a necessidade de afirmar a heterossexualidade é o que leva à atribuição da perda dela ao outro. Isso seria necessário porque o futebol é um dos poucos espaços em que os homens podem ter uma relação afetiva e corporal maior entre si,

abraçando-se e encarando outros corpos masculinos sem camisa. Para que isso não comprometa a masculinidade do torcedor, seria necessário reforçar que ela não está abalada, demonstrando ser um guardião da masculinidade para os outros. Isso se torna uma “garantia” da sua heterossexualidade, podendo manter esses comportamentos homoafetivos sem medo de sofrer algum tipo de desconfiança ou insinuação.

O cântico historicamente entoado pela torcida do Internacional para insultar a do Grêmio é idêntico ao usado no sentido contrário, mudando apenas as palavras que identificam o rival: “Atirei o pau no Inter/Grêmio / E mandei tomar no cu / Macacada/Gremista filha da puta / Chupa rola e dá o cu / Ei, Inter/Grêmio, vai tomar no cu / Olê, Grêmio/Inter”. Além dos trechos do cântico já referenciados acima, ainda é bastante desconcertante observar a referência aos torcedores do Internacional como “macacada”, mostrando também uma interseccionalidade com a categoria raça, que evidencia uma dupla subalternização. Além disso, a expressão “filha da puta” revela uma dupla misoginia. Primeiro, ao apresentar o modelo da mulher “puta”, em oposição ao da mulher “santa”, como geradora de vergonha e humilhação. Segundo, ao chamar de “filha”, no feminino, o homem da torcida rival, que seria a pessoa “envergonhada” e “humilhada” pela condição de “puta” atribuída à mãe. O combo homofobia, misoginia e racismo mostra o peso da formação de uma masculinidade tóxica através de rituais jocosos de sociabilidade muitas vezes tidos como “saudáveis” e “naturais”. Roberto (Bharbixas, 2018) comentou sobre esse assunto.

As pessoas, na homofobia velada delas, elas não pensam que elas excluem. Elas acham normal gritar “bicha” pro goleiro, “vai tomar no cu” pro não sei quem, “chupa, franga”, “maria”. Então, elas não pensam que elas tão excluindo nesse ponto. Ou, se pensam, elas preferem ignorar. Eu tenho vários amigos que eles dizem: “eu não sou homofóbico, eu não sou machista”, alguns que me respeitam muito inclusive e tal. Mas, quando vai falar de futebol: “maria”, “franga”, “chupa”. E se você questionar: “ah, é mimimi, tá chato demais”. É como se o futebol ainda fosse uma ilha, um refúgio intocado dos homens hétero dentro da sociedade, onde eles pudessem reproduzir todo o machismo e homofobia deles sem ser repreendido, e se você repreender, eles não aceitam. E eu vejo muita gente, inclusive, que tá reagindo a esse movimento do futebol LGBT exatamente porque eles tão com medo de perder esse refúgio, que é a única coisa que restou numa sociedade “mimimi”, que não aceita mais a intolerância, e eles, no futebol, podem intolarar. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Ângelo (ManoTauros, 2018) me contou que ele e o marido faziam um trabalho de conscientização no ManoTauros em relação ao uso de termos e expressões consideradas homofóbicas ou machistas. Ele citou os termos “marias” e “frangas”, usados pelos torcedores dos times rivais mineiros para se provocarem. Falou do uso da expressão “jogar igual homem” e de um caso em que um dos membros do ManoTauros disse que o outro deveria ir fazer balé. Ele me mostrou um áudio de um dos jogadores do time defendendo que

o uso dessas palavras e expressões faz parte da “cultura do futebol” e não têm nada a ver com machismo ou homofobia. Esse jogador ainda tentou se defender perguntando se a provocação “franga” seria, então, preconceito contra as aves dessa espécie. Ângelo (ManoTauros, 2018) riu contando.

Esse tipo de “insulto” também pode se dirigir ao árbitro e aos jogadores do time rival. Em alguns casos, tal agressividade pode se voltar até mesmo para um jogador ou membro da torcida do próprio time, se for considerado que essa pessoa não representa o grupo e está atrapalhando a imagem dele. É o caso do jogador Richarlyson, que atuou no São Paulo entre 2005 e 2010 e tinha sua sexualidade questionada permanentemente. A própria torcida do time não gritava o nome dele nos jogos, em rechaço ao jogador, e, às vezes, chegava até a engrossar o coro homofóbico da torcida rival. Em 2012, o Palmeiras cogitava contratar Richarlyson quando a torcida organizada Mancha Verde fez um protesto contrário à intenção com a frase “A homofobia veste verde”. Pedro (Bharbixas, 2018) comentou sobre a ausência de espaço para os gays no ambiente machista dos estádios e sobre o papel do futebol LGBTQIAPN+ nesse contexto.

A gente tá ali pra ocupar esse espaço que foi dito que não é nosso. Tem toda essa questão do futebol de ser a arena, o antro do homem hétero. É ele que domina ali. É ele que reina. E o homem gay é abolido do futebol. Hoje, a gente, por exemplo, joga no Bharbixas. Muita gente que tá ali no time gosta de futebol pra além de praticar o futebol, de acompanhar, de assistir. Mas não tem coragem de ir num jogo assistir num

estádio usando a camisa do time, do Bharbixas, porque, se for, provavelmente vai apanhar. Basicamente, é isso, é agressão física mesmo. É um espaço que não nos tolera de forma alguma. (Pedro, Bharbixas, 2018)

João Moura (2017) nos lembra de que a legitimidade das provocações é defendida pelo argumento da liberdade de expressão. Ele discute como poderia ser homofóbico um grito de “bicha” para um goleiro, se ele não for homossexual (ou não se posicionar publicamente como). O dano de um grito de “bicha” não se destina apenas ao goleiro, mas a todos os gays, pois gera efeitos sobre todo um grupo, uma coletividade. Segundo Moura (2017, p. 74), qualquer um desses gritos se configura como discurso de ódio e, portanto, não pode ser defendido como liberdade de expressão, pois “o ato linguístico de injúria age como violência física”.

Usualmente, os times rivais têm apelidos definidos para se referir aos torcedores dos outros times de forma homofóbica e misógina. Em Belo Horizonte, os cruzeirenses chamam o Atlético Mineiro de “Gaylo” e os torcedores do time de “frangas”. Ambos os apelidos fazem referência ao mascote do time, mas o ligam à homossexualidade e ao feminino como forma de “inferiorização”. A “graça” da palavra “frangas” também é complementada pelo significado da palavra “frango” no futebol, que remete a um erro de defesa cometido por um goleiro. Por outro lado, os atleticanos chamam os cruzeirenses de “marias”. A origem desse nome, como aponta a pesquisa de Álan Pires (2017), está ligada às pixações feitas por membros das torcidas organizadas dos dois clubes. Quando a Máfia Azul, tor-

cida organizada do Cruzeiro, pixava seu nome nos muros da cidade, os membros da Galoucura, torcida organizada do Atlético, pixavam por cima, transformando o F em um R, de forma que “MAFIA” vira-va “MARIA”. Por sua vez, os torcedores cruzeirenses transformavam “GALOUCURA” em “GAYLOUCURA”, acrescentando o Y. Mas transformar “máfia” em “maria” só é engraçado porque maria é um nome ligado ao feminino.

Roberto (Bharbixas, 2018) apontou como essas provocações se estendem à relação entre os times de futebol LGBTQIAPN+ da cidade e os times profissionais belo-horizontinos.

A gente, infelizmente, ainda vive numa sociedade muito homofóbica, principalmente no futebol. Imagina se um time gay, se o Bharbixas jogasse de azul e branco ou preto e branco, imediatamente teria uma associação a Cruzeiro e Atlético. Sempre que aparece um lá, nas fotos do time, com a camisa do Atlético ou do Cruzeiro, nos treinos, e os outros com aquela pose e tudo, sempre tem piadinhas homofóbicas. Já chegou no meu grupo de torcedores do Cruzeiro no *WhatsApp* uma foto do Bharbixas um dia que tinha um com a camisa do Atlético, e aí todo mundo “é gay, é galo”, não sei o quê, piadinhas homofóbicas. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Segundo Roberto (Bharbixas, 2018), às vezes, as peladas do seu time ocorriam no mesmo horário em que aconteciam jogos do Cruzeiro. No início, ele deixava de ir às peladas nesses dias para assistir ao jogo no Mineirão ou pela TV com os amigos. Mas, com o tempo,

mudou sua prioridade: “eu comecei a deixar de ir no jogo do Cruzeiro pra ir jogar com eles, porque eu me sentia melhor naquele ambiente do que indo assistir a partida, entendeu?”

Ao tratar das dinâmicas de violência, Pablo Alabarces (2014) estende as relações de rivalidade também à polícia. Para ele, às vezes, os policiais não são vistos pelos torcedores violentos como representantes do Estado, mas sim como “torcedores mais fortes”. Já a polícia vê os torcedores não como cidadãos, mas como uma ameaça a ser combatida. Entretanto, ao apontar a importância das metáforas do sexo anal e do sexo oral como provocações de torcedores, esse autor afirma que elas não são necessariamente homofóbicas: “com certeza, essas são metáforas fáceis e perfeitamente compreensíveis, e inclusive não são necessariamente homofóbicas, ainda que pareçam. Porque é uma metáfora: o que define a posse de resistência não é a heterossexualidade, mas a capacidade para o combate” (Alabarces, p. 82, tradução minha). Rebater esse argumento é difícil não porque ele seja forte, mas pelo contrário. Evidentemente, o que está em jogo não é colocar a heterossexualidade efetiva do outro em questão, mas sim humilhá-lo ao compará-lo com um homossexual. É difícil explicar onde se encontra a homofobia nesse ato quando não se consegue percebê-la. De fato, Alabarces é uma autoridade indiscutível quando se trata de futebol na América Latina. Mas, esse ponto da sua análise mostra que, ainda assim, as questões de sexualidade podem ser mal compreendidas em algumas das principais leituras sobre o tema.

EXCLUSÃO OU INVISIBILIDADE

O futebol é um campo de culto à masculinidade e de expressão de uma cultura homofóbica. À medida que a sociedade se torna menos intolerante à diversidade sexual, mais fica evidente o desrespeito a ela dentro desse esporte. Basta lembrar de falas como a do jogador Ganso, em 2010, quando declarou que, em alguns times de futebol, havia gays, mas que, “graças a Deus”, no dele não havia. Por outro lado, em 2012, Túlio Maravilha afirmou que havia vários casos de jogadores profissionais gays no Brasil que não se “assumiam” por medo. João Moura (2017) reflete como a visibilidade e a invisibilização de gays caminham juntas no futebol. Ao mesmo tempo em que essa orientação sexual é atribuída a todos continuamente, ela não é assumida por ninguém. Os gays estão lá o tempo todo e não estão hora nenhuma – ou estão lá o tempo todo, mas não deveriam estar.

Em 2010, o jogador Jamerson Michel da Costa, conhecido como “Messi”, competia na segunda divisão do campeonato estadual do Rio Grande do Norte, quando se tornou o primeiro jogador profissional brasileiro a se declarar gay de forma pública. Posteriormente, ele chegou a atuar na primeira divisão do Campeonato Potiguar, na série D do Campeonato Brasileiro e até mesmo na Copa do Brasil, pelo Globo Futebol Clube, em 2015. Entretanto, pela falta de visibilidade de “Messi” no cenário futebolístico nacional, o fato passou despercebido pela maior parte da população e não causou muito impacto.

Em 2022, Richarlyson, que se destacou por sua atuação na série A do Campeonato Brasileiro e na Seleção Brasileira, também

se declarou não heterossexual. Dessa vez, alcançando visibilidade, o acontecimento gerou respostas diversas do público. A publicização da bissexualidade de Richarlyson foi feita apenas depois de ele ter se aposentado. No mesmo ano, também o ex-jogador Emerson Ferretti se declarou gay. Uma lista de jogadores profissionais que se declararam não heterossexuais em todo o mundo pode ser encontrada na *Wikipedia*, construída colaborativamente pelos usuários da comunidade. O Quadro 3 traz uma consulta a ela realizada em julho de 2023. Ela não trazia “Messi”, pois abordava apenas os jogadores de maior destaque no cenário futebolístico de cada país. A lista contava com 21 jogadores. Importante notar que ela levava em consideração apenas atletas do futebol de campo. Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) me disse, por exemplo, que conhece um atleta do futebol *society* brasileiro abertamente gay, que, segundo ele, também participa de uma das equipes de futebol LGBTQIAPN+ brasileiras.

Quadro 3 – Jogadores profissionais declaradamente gays ou bissexuais em julho de 2023

Nome	País	Ano da publicização
Justin Fashanu	Inglaterra	1990
Thomas Berling	Noruega	2001
Marcus Urban	Alemanha	2007
Oliver Rouyer	França	2008
Anton Hysén	Suíça	2011
David Texto	Canadá	2011
Robbie Rodgers	Estados Unidos	2013
Thomas Hitzlsperger	Alemanha	2014
Liam Davis	Inglaterra	2014

Phuti Lekoloane	África do Sul	2015
Collin Martin	Estados Unidos	2018
Matt Pacifici	Estados Unidos	2016
Andy Brennan	Austrália	2019
Thomas Beattie	Inglaterra	2020
Stephen Laybutt	Austrália	2020
Josh Cavallo	Austrália	2021
Jake Daniels	Inglaterra	2022
Richarlyson	Brasil	2022
Emerson Ferretti	Brasil	2022
Zander Murray	Escócia	2022
Jakub Jankto	República Tcheca	2023

Fonte: Wikipedia (2023)

O precursor dessa lista é o inglês Justin Fashanu, que, em 1990, parecia ter uma carreira promissora, mas a viu despencando depois de se declarar gay.⁶ Tentando evitar essa rejeição, uma alternativa encontrada por alguns atletas mundo afora é a de se “assumir” apenas depois de se aposentarem. Em 2013, o estadunidense Robbie Rodgers se declarou gay e anunciou sua aposentadoria ao mesmo tempo. No entanto, ele foi muito bem acolhido pelo público e viu sua fama aumentar, desistindo da sua aposentadoria e voltando aplaudido para o campo. O alemão Thomas Hitzlsperger foi outro que se declarou gay em 2014, um ano depois de se aposentar, também obtendo reações positivas no mundo do futebol.

Apesar desses desfechos positivos, essa não é uma situação generalizada, nem que melhorou nos últimos anos. O australiano

⁶ O jogador suicidou-se anos mais tarde, em decorrência de uma denúncia de estupro contra um menor de idade, que ele negava.

Josh Cavallo, que publicizou sua homossexualidade em 2021, passou a receber ameaças e insultos tanto nas redes sociais quanto nos estádios. Diferentemente dos jogadores que só publicizaram sua homossexualidade ao se aposentarem, Josh Cavallo tinha apenas 21 anos quando tomou essa decisão. Comparando o caso de Josh aos apresentados anteriormente, seria possível imaginar que, quando a declaração da homossexualidade vem no final de uma carreira consolidada e respeitada, talvez ela seja mais bem aceita do que a de alguém que ainda não conta com esse prestígio. É possível que a situação seja vista até como uma prova de superação: “mesmo sendo gay, ele foi tão brilhante...” É provável que o caso de Richarlyson, no Brasil, tenha obtido respostas menos homogêneas pelo fato de o público não ter encarado a declaração como uma “surpresa”, já que sua sexualidade havia sido questionada durante toda a sua carreira. Essa configuração parece ter gerado em parte do público até mesmo uma quase indiferença à declaração. É interessante notar também a considerável invisibilização da bissexualidade, da pansexualidade e da assexualidade no futebol de homens. Dos 21 atletas listados, 20 se apresentavam como gays. Apenas Richarlyson se declarava bissexual.

Na verdade, o número de atletas que se declaram LGBTQIAPN+ ainda é baixo em todos os esportes. Nas Olimpíadas de 2016, no Rio de Janeiro, entre mais de 10 mil atletas, apenas 49 se declaravam LGBTQIAPN+. Nas Olimpíadas de 2021, esse número aumentou para 186. O Brasil foi o segundo país com mais participantes declaradamente LGBTQIAPN+, com 18 atletas, incluindo 6 jogadoras de futebol. Foram 42 jogadoras de futebol no total, mas nenhum jogador.

O número total de atletas na competição foi de 11.656. Vê-se um aumento relativo muito grande, afinal, o número de atletas LGBT-QIAPN+ aumentou quase 4 vezes. Mas o número ainda se manteve muito baixo em relação à quantidade total de atletas.

No âmbito do amadorismo, Wagner Camargo e Flávio Amaral (2022) nos dão um interessante relato sobre um jogador abertamente gay do Peladão, o maior campeonato de futebol amador do país, que ocorre em Manaus. Em 2013, ele foi eleito o melhor jogador do torneio. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) foi jogador profissional, tendo atuado na categoria de base do Cruzeiro e, posteriormente, em diversas equipes do interior de Minas Gerais. Pela baixa expressividade no cenário nacional dos times pelos quais ele passou compondo a equipe principal, seu nome também não estava inserido na lista supracitada de jogadores e ex-jogadores profissionais não heterossexuais. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) era cético em relação às possibilidades de avanço no esporte: “eu não sei se a gente vai chegar ao ponto de ter um jogador no Brasil assumido, jogando nos clubes de Série A, por exemplo”. Ele contou como foi a sua experiência nesse ambiente enquanto homem gay.

Em 2010, resolvi parar de jogar futebol. Entre outros motivos, tem a questão de eu começar a me reconhecer e me aceitar como um homem gay. E eu já não via que aquele espaço ali era mais tão bacana quanto eu achava. No início, eu não ligava muito pra isso, né, porque é um ambiente que é totalmente normativo, hétero. As piadas são sempre machista, misóginas, homofóbicas, e, no início, eu sempre levei na brincadei-

ra. Então, assim, nunca ouvi piadas para comigo. Mas, quando eu fui realmente crescendo, me identificando, sabendo que eu era um homem gay mesmo, e fui me aceitando também... porque é um processo muito longo... E, aí, essas piadas, elas começaram a já não fazer mais sentido, assim, já começaram a me incomodar. Eu já não me sentia muito bem naquele ambiente, eu já não me identificava. Aquela coisa daquele sonho de criança que eu sempre me senti muito feliz ao jogar futebol, acordava qualquer hora da manhã feliz pra ir jogar... aquele processo todo de me sentir bem dentro de um campo de futebol e estar ali com pessoas que jogam futebol começou a não fazer mais sentido pra mim, porque aquilo dali acabava ferindo a minha existência e começou a me fazer mal. Eu já não me sentia mais feliz. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Ele explicou por que a vivência do futebol profissional para o homem gay é muito mais pesada do que a vivência desse esporte de forma amadora.

Depois que eu resolvi parar de jogar futebol, continuei jogando de forma amadora, competitiva. Jogava em alguns clubes amadores de Belo Horizonte, da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Ainda sem ser totalmente assumido. Algumas pessoas muito íntimas minhas, amigos que jogavam futebol comigo sabiam que eu era gay, mas não era assumido pra todo mundo. E, aí, nesse processo de 2010 até 2017, eu joguei só de forma amadora. Mas eu já não vivia tanto o

ambiente. Porque quando você joga de forma amadora, você só vai ali pra jogar. Então, cê vai, joga e vai embora. Cê não precisa tar convivendo com as pessoas, igual é no profissional, que você treina junto, você almoça junto, você viaja junto. Cê tem uma convivência maior no profissional. No amador não. Então, de certa forma, essas piadas, essa homofobia que existia ali, ela era menor pra mim. Então, eu me sentia confortável ali. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Obviamente, as dificuldades para praticar o esporte não se restringem ao profissional e ao amador, mas chegam também às peladas. Lúcio (Bharbixas, 2023) jogava futebol com colegas heterossexuais antes de fundar o Bharbixas. Mas ele estava sempre incomodado naquele ambiente.

Nenhuma pelada [“hétero”] que eu já participei até hoje não tem uma vez que eu não volte pra casa sem escutar uma piadinha homofóbica, né? É uma brincadeira [ênfase em “brincadeira”], entre aspas, entre os héteros, assim, tudo, mas que, de certa forma, é pra própria pessoa LGBT que tá ali perto... ela não se sente bem, ela não se sente acolhida. Enfim, foi essa falta de espaço, essa falta de acolhimento que me fez buscar essa alternativa de criar um espaço pra nós. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Richarlyson moveu uma ação, em 2007, depois de ter sido ridicularizado pela sua então suposta orientação sexual em um programa de TV. O juiz Manoel Junqueira Filho negou o processo e expôs alguns argumentos. Entre eles, que a torcida jamais aceitaria um ídolo de futebol gay e que era temerária uma iminente solicitação por um

sistema de “cotas” para reservar vagas para jogadores homossexuais. Por fim, vale a pena reproduzir algumas das palavras do juiz.

Não que um homossexual não possa jogar bola. Pois que jogue, querendo. Mas forme o seu time e inicie uma Federação. Agende jogos com quem prefira pelejar contra si. [...] O que não se mostra razoável é a aceitação de homossexuais no futebol brasileiro, porque prejudicariam a uniformidade do pensamento da equipe, o entrosamento, o equilíbrio, o ideal [...] (Junqueira Filho, 2007, s. p. *apud* Bettine Almeida; Alessandro Soares, 2012, p. 309)

Diego Jesus (2019) acredita que esse medo de desestabilização das equipes está ligado à crença de que gays seriam predadores sexuais. Inclusive, a relação entre futebol e desejo sexual por parte de gays está relacionada a uma das principais contradições nesse cenário: os ensaios nus feitos por jogadores de futebol como Vampeta e Túlio Maravilha, na década de 1990, para a *G Magazine*, revista pornográfica gay. De todo modo, a linha da argumentação do juiz remete à ideia de “gueto”, enquanto espaço físico ou de sociabilidade no qual grupos minoritários precisam se segregar diante da exclusão do acesso aos espaços ocupados por grupos majoritários. É interessante como a proposta do juiz Manoel Junqueira Filho acabou, de certa forma, concretizando-se com o futebolLGBTQIAPN+.

Falando de torcidas organizadas, Gustavo Bandeira e Fernando Seffner (2013) abordam seus processos de exclusão de pessoas LGBTQIAPN+. Dando como exemplo a Máfia Azul, do Cruzeiro, eles

citam algumas declarações de 2013 do diretor dela, afirmando que existiam exigências aos novos membros, “‘não pode ter brinco, pulseirinha, gelzinho. É cabelo raspado, só’”, e que “‘o cara que dá a bunda pra outro homem não representa nossa torcida’” (Bandeira; Seffner, 2013, p. 262).

Em 2013, o jogador Emerson Sheik compartilhou a foto de um “selinho” dado em um amigo. Esse fato acabou sendo apropriado pela bandeira de inclusão de gays no esporte, mas foi duramente criticado pela torcida do Corinthians, o que fez com que o jogador se desculpasse. O episódio serve para mostrar que, quando a homoafetividade é atribuída a um membro do nosso time ou da nossa torcida, o resto dos torcedores voltam-se contra esse sujeito para proteger sua masculinidade, pois colocar em risco a masculinidade de um jogador ou torcedor do time é colocar em risco a masculinidade de todos os torcedores. O ato homoafetivo se torna motivo de vergonha, humilhação e vulnerabilidade à “zoação” da torcida rival.

Aqui cabe uma experiência vivida por estu pesquisadore há alguns anos. Em maio de 2014, eu postei uma foto no *Facebook*, que eu havia encontrado *online*, de um beijo entre dois homens, um vestindo uma camisa do Cruzeiro, e outro vestindo uma camisa do Atlético Mineiro. A foto foi excluída pelo *Facebook* 36 horas depois. Durante o período, ela chegou a ter aproximadamente 500 compartilhamentos. O motivo da exclusão foi que alguém denunciou a imagem para a plataforma como contendo “pornografia ou nudez”. Na sequência, eu postei a foto novamente, e, dessa vez, o *post* chegou a ser compartilhado aproximadamente 600 vezes. Até que um dos dois homens que estavam na foto me mandou uma mensagem

solicitando que eu apagasse a imagem, afirmando que o compartilhamento dela estava gerando problemas para ele (o que eu realizei imediatamente, é claro).

RESISTÊNCIAS

Uma das tentativas mais notáveis de desestabilizar o padrão cis-heteronormativo do futebol foi um movimento de formação de diversas páginas *online* nas mídias sociais para que torcedoras, torcedores e torcedorus de diversos times discutissem e questionassem os modelos de gênero e sexualidade impostos pelo futebol. A iniciativa começou com a criação do perfil *Galo Queer*, em 2013, no *Facebook*, por uma torcedora do Atlético Mineiro. A criadora é uma cientista social. Apesar das páginas terem sido muito bem recebidas por parte do público, também aconteceram ameaças contra elas e as pessoas que as criaram, bem como “acusações” de que teriam sido feitas por torcedores dos times rivais para “zoar” a torcida que diziam representar. O objetivo das páginas não era criar torcidas organizadas, mas sim gerar, entre as torcedoras, torcedores e torcedorus do time, um espaço de discussão sobre o papel de mulheres e de pessoas LGBTQIAPN+ no futebol. Mesmo assim, as membras, membros e membros sofriam ameaças de violência física caso fossem aos estádios. Depois da *Galo Queer*, rapidamente foram criadas diversas outras páginas, como a *Cruzeiro Maria* (Cruzeiro), a *Grêmio Queer* (Grêmio) e a *Queerlorado* (Internacional).

Outro fato importante, ocorrido em 2013, foi a criação da torcida LGBTQIAPN+ Gaivotas Fiéis, do Corinthians. No entanto, ela não foi

a primeira torcida LGBTQIAPN+ do país. Em 1973, a Coligay, do Grêmio, e, em 1979, a Flagay, do Flamengo, já ocupavam as arquibancadas. Essas duas torcidas também sofreram muita perseguição das torcidas tradicionais dos times e eram “acusadas” de serem “armações” de torcedores dos times rivais para “desmoralizar” a torcida adversária. Segundo Luiza Anjos e José Silva Júnior (2018, p. 220), a Coligay “tinha uma performance bastante marcante, classificada como alegre, festiva, animada e mesmo engraçada. Contribuía para a atenção que atraía sua indumentária, que incluía chapéus, paetês, plumas, purpurina, sapatos de salto, entre outros”. Apesar de ambas as torcidas não terem durado muito, foram uma importante primeira tentativa de mudança no padrão hegemônico nos estádios, o que as torna muito emblemáticas. Especialmente pelo fato de que essa iniciativa surgiu durante a Ditadura Militar.

Outra figura muito lembrada como responsável por uma abertura de espaço para a diversidade sexual no futebol brasileiro é o árbitro Margarida. No entanto, é fundamental observarmos que não existiu apenas um “Margarida”, havendo dois árbitros diferentes conhecidos por esse apelido: o Margarida “original”, Jorge José Emiliano dos Santos, e um personagem criado por Clésio Moreira dos Santos. O primeiro foi um árbitro declaradamente gay, que atuou profissionalmente nas décadas de 1980 e 1990. O segundo, por outro lado, foi uma caricatura criada posteriormente por um árbitro heterossexual.

Jorge José Emiliano dos Santos passou a ser conhecido como Margarida ainda nos anos 1960, quando começou a apitar jogos de futebol de areia. Logo após sua primeira partida oficial como árbitro

no futebol de campo masculino, em 1988, deu uma entrevista à *Rede Globo* afirmando sua sexualidade. Ele ganhou visibilidade nacional e participou de diversos programas de TV. Em 1995, faleceu em decorrência de Aids, com apenas 40 anos de idade. De fato, foi um precursor e um expoente na representação LGBTQIAPN+ no futebol brasileiro, não só conseguindo ocupar esse espaço, como também tornando-se querido por parte do público, algo bastante fora da curva, até mesmo para a realidade atual. Obviamente, a acolhida do público passava por uma “afeminofobia recreativa”, ou seja, por achar engraçado seus comportamentos considerados afeminados. Mas essa foi uma forma de furar as resistências em um esporte cisheteronormativo, reafirmando uma manifestação de gênero subalter-nizada nesse espaço.

Sobre o personagem construído posteriormente por Clésio Moreira dos Santos, Leonardo Martinelli (2020, p. 303) explica que esse árbitro “vestia roupa totalmente cor-de-rosa nos jogos em que apitava e performatizava um gênero que podia ser identificado e/ou confundido por algumas pessoas como homossexual, expressos pelo personagem que dizia interpretar”. A associação dessa performance com Jorge José Emiliano dos Santos fez com que ele também ficasse conhecido como Margarida. Assim como o original, ele ganhou destaque nacional e chegou até a ser entrevistado pela apresentadora Marília Gabriela. A popularidade dessa figura, no entanto, é bastante problemática, pois o que ele realizava era a apropriação de um estereótipo de gay afeminado para gerar ridicularização. No entanto, Martinelli defende que a “brincadeira” carregava a potencialidade de

ajudar de alguma maneira na naturalização da homossexualidade no esporte, proporcionando que ela pudesse ter mais entrada naquele espaço. Clésio realizou essa performance apenas em jogos amadores.

CRIMINALIZAÇÃO DA HOMOFOBIA: NOVOS VENTOS?

Entre os meses de maio e agosto de 2019, uma série de acontecimentos se mostrou promissora em relação à superação da discriminação e do preconceito contra pessoas LGBTQIAPN+ no futebol. O acontecimento aglutinador se deu em 13 de junho, quando o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu criminalizar as manifestações de discriminação e violência ocorridas em função de orientação sexual ou identidade de gênero, determinando que elas passassem a ser tratadas como crime de racismo. Dias depois, o presidente do Superior Tribunal de Justiça Desportiva do Futebol (STJD) ameaçou punir com multa, e até perda de pontos, os times cujas torcidas continuassem entoando cânticos homofóbicos. O STJD recomendou que os episódios de homofobia passassem a ser relatados pelos árbitros nas súmulas das partidas, e que os times fizessem campanhas educativas para as torcidas.

No dia 25 agosto de 2019, pouco mais de um mês depois da criminalização da homofobia, o árbitro Anderson Daronco parou uma partida entre Vasco e São Paulo quando a torcida vascaína puxou um cântico se referindo ao oponente como “time de viado”. Ele comunicou o motivo da paralisação ao técnico e ao capitão do Vasco. A partida só foi retomada depois que o canto parou. Dias depois, em

30 de agosto de 2019, todos os 20 clubes da série A do Campeonato Brasileiro postaram simultaneamente no X (então *Twitter*) uma imagem dizendo: “Pior que prejudicar o seu time é cometer um crime. Grito homofóbico não é piada, muito menos cântico de torcida. Grito homofóbico é crime, dentro e fora dos estádios”. A postagem vinha acompanhada da *hashtag* #DigaNãoàHomofobia. No início de setembro, o Vasco fez sua primeira partida depois de ser repreendido pela arbitragem em função dos cânticos homofóbicos. O time entrou em campo com uma faixa com a frase “homofobia é crime”.

No dia 17 de maio de 2019, data estabelecida como Dia Internacional de Combate à Discriminação, ao Preconceito e à Violência contra Pessoas LGBTQIAPN+, o STF ainda não havia decidido pela criminalização da homofobia. No entanto, faltava menos de um mês para que isso acontecesse. Coincidentemente ou não, muitos times pareciam já estar se mobilizando para lidar com essa questão. Naquele ano, 10 dos 20 clubes da série A do Campeonato Brasileiro aproveitaram a data para fazer postagens nas mídias sociais repudiando a homofobia. Cruzeiro e Atlético Mineiro não estavam entre eles. Mas o América Mineiro, que não disputava a Série A, também fez uma postagem sobre o tema. No ano seguinte, os três times mineiros se posicionaram. No total, 13 dos 20 times da Série A fizeram postagens em 2020. Desde então, o compartilhamento de mensagens de conscientização na data pela maioria dos clubes passou a ser recorrente. Outra data na qual os clubes têm compartilhado mensagens de apoio é o Dia do Orgulho LGBTQIAPN+, comemorado em 28 de junho. Em 2021, apenas dois times da série A não fize-

ram uma homenagem à população LGBTQIAPN+ nessa data: Ceará e Athletico Paranaense. Flamengo, Fluminense e Vasco foram além e lançaram, naquele dia, camisas de uniforme personalizadas com detalhes nas cores da bandeira LGBTQIAPN+. A do Vasco, com cores mais destacadas em forma de faixa na parte frontal, esgotou menos de uma hora após ser posta para venda.

É preciso lembrar, entretanto, que a Banda Alma Celeste, torcida organizada do Paysandu, foi pioneira desse movimento que se concretizou a partir de 2019. Em abril de 2017, ela publicou uma nota dizendo que cantar “o leão é gay”, em referência ao rival Remo, havia sido um erro e não seria mais repetido. Também se comprometeu a excluir qualquer canto homofóbico do seu repertório. No mês seguinte, estendeu uma bandeira do arco-íris na arquibancada. A ação foi uma parceria com o governo do Pará, em referência ao Dia de Combate à Discriminação, ao Preconceito e à Violência contra Pessoas LGBTQIAPN+ daquele ano. A Banda Alma Celeste afirmou ter recebido ameaças de outros torcedores depois do episódio.

Paralelamente a toda a movimentação feita pelo STF, pelo STJD e pelos clubes para atuar no combate à homofobia nos estádios, um grande número de torcidas LGBTQIAPN+ foi criado em 2019, incluindo a Marias de Minas, do Cruzeiro. Em 13 de novembro daquele ano, algumas delas se juntaram para criar o Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+. Esse coletivo passou a fazer trabalhos muito importantes no sentido de acompanhar as medidas estabelecidas contra a homofobia nos estádios. Além de manterem um observatório para registrar as ocorrências de cânticos e gritos homofóbicos nos jogos,

eles ainda passaram a monitorar quais agremiações têm se posicionado nas datas relacionadas à comunidade LGBTQIAPN+. O coletivo também passou a atuar junto ao STJD, ao Ministério Público Federal (MPF), à Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e aos clubes encaminhando demandas, sugerindo medidas e denunciando os casos de homofobia registrados.

Em setembro de 2021, o Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+ denunciou o Flamengo para o STJD, pois a torcida havia cantado “Arerê, gaúcho dá o cu e fala tchê” em uma partida contra o Grêmio, dias antes. O Tribunal acolheu a denúncia e julgou o clube no dia 8 de novembro, condenando-o e estabelecendo uma multa de R\$ 50 mil. Em dezembro de 2021, o Coletivo denunciou mais oito equipes, conforme apresentado no Quadro 4, também por gritos homofóbicos das torcidas em jogos anteriores: Internacional, Náutico, Ceará, Atlético Mineiro, Remo, Paysandu e Corinthians.

Quadro 4 – Gritos e cânticos homofóbicos denunciados ao STJD em dezembro de 2021

Time	Adversário	Data	Grito ou canto homofóbico
Atlético-MG	Flamengo	30/10/21	“Tomar no cu, Mengo / Tu és time de otário, cuzão, puta, viado e ladrão”.
Atlético-MG	Fluminense	28/11/21	As palavras denunciadas não foram divulgadas.
Ceará	Corinthians	25/11/21	“A TUF é gay” e “matador de leão e come cu de tufgay”. Apesar de o jogo ser contra outro adversário, a referência é ao rival Fortaleza, cuja torcida organizada se chama TUF. Os gritos teriam sido entoados pela torcida, pelos jogadores e pela diretoria.
Ceará	Fortaleza	17/11/21	Mesmos cânticos.
Ceará	Sport	14/11/21	Mesmos cânticos.
Corinthians	Grêmio	05/12/21	“Gaúcho viado” para os jogadores.
Fluminense	Internacional	24/11/21	“Arerê, gaúcho dá o cu e fala tchê”.

Internacional	Athletico-PR	13/11/21	“Atirei o pau no Grêmio e mandei tomar no cu / Gremista filha da puta chupa rola e dá o cu”, apesar de o jogo ser contra outro adversário.
Internacional	Grêmio	06/11/21	Mesmo cântico.
Náutico	Sampaio Corrêa	15/11/21	Gritos de “bicha” nos tiros de meta do goleiro adversário.
Paysandu	Remo	04/12/21	“Remista é gay, é gay, é gay” e gritos de “viado” dirigidos ao jogador Neto Pessoa.
Remo	Paysandu	04/12/21	“Todo viado que eu conheço é bicolor”.

Fonte: UOL (2022)

Porém, no dia 19 de janeiro de 2022, o STJD decidiu pelo arquivamento de todas as denúncias realizadas pelo Coletivo de Torcidas Canarinhos LGBTQ+, com a justificativa de que o grupo não tinha autoridade para solicitar uma investigação. Somente entidades jurisdicionadas na Justiça Desportiva, como outros clubes ou a própria procuradoria da STJD, poderiam efetivar denúncias. Quem comunicou a decisão foi o Procurador Geral do STJD, Ronaldo Piacente, afirmando: “a Procuradoria tem se empenhado para combater todos e quaisquer atos discriminatórios no futebol, porém existem regras processuais a serem respeitadas no nosso ordenamento jurídico”. A interpretação veio depois de o próprio STJD já ter acolhido denúncia anterior feita pelo mesmo grupo meses antes.

Além de gerar impunidade frente a atos cujas provas foram apresentadas à Justiça, em forma de vídeos, a decisão também apontou para uma ineficiência sistêmica na aplicação de punições contra casos de homofobia. Para que o processo fosse efetivo, seria necessário que houvesse alguém externo aos próprios clubes capaz de monitorá-los para evitar qualquer tipo de autoproteção que possa ocorrer entre eles. Uma vez que a própria Procuradoria teria o direito de denunciar

os episódios, ela escolheu abrir mão de assumir a denúncia. Se não podem contar com os clubes, nem com a Promotoria do STJD, como os sujeitos atingidos pelos crimes podem pedir justiça, uma vez que eles próprios não podem se autorrepresentar? Também chama a atenção o silêncio da mídia a respeito da decisão do STJD. Somente um pequeno número de veículos da mídia fez referência a ela, tendo sido ignorada pela maioria dos grandes portais de notícia.

Mesmo assim, dois dias depois, o procurador Rafael Morcazel, do STJD, realizou denúncia contra o Remo tomando como base as provas apresentadas pelo Coletivo. O Paysandu também foi denunciado, uma vez que a ocorrência se deu em um jogo entre os dois clubes, e ambas as torcidas foram acusadas de entoar cânticos homofóbicos na ocasião. No dia 24 de janeiro, aconteceu o julgamento, e o Remo foi absolvido. A defesa argumentou que o caso não havia sido registrado na súmula do jogo pela arbitragem e que as pessoas que entoavam o cântico poderiam ser infiltradas. O relator Ramon Rocha chegou a duvidar da autenticidade do vídeo. O Paysandu, por outro lado, foi condenado e multado em R\$ 10 mil. Os auditores consideraram que as provas contra esse time eram mais fortes, já que, além dos cânticos, também houve registro da torcida chamando um jogador adversário de viado.

No dia 28 de janeiro de 2022, foi a vez de o STJD julgar o Fluminense, condenado pelo Tribunal a pagar R\$ 50 mil de multa. O cântico dos torcedores havia sido registrado pelo árbitro na súmula da partida. Na ocasião, o sistema de som e imagem do estádio solicitou à torcida que parasse com o canto. Segundo a arbitragem, não foi

necessário paralisar a partida porque o grito homofóbico foi interrompido rapidamente. Até julho de 2023, não haviam sido veiculadas mais informações sobre as demais denúncias, nem no site do STJD nem em outros veículos de comunicação. Entre os casos omissos, chama a atenção o do Náutico, pois a partida referente à denúncia chegou a ser paralisada por causa dos gritos homofóbicos.

No dia 8 de maio de 2022, outro caso de cânticos homofóbicos em um estádio ganhou grande repercussão. Trata-se do jogo entre Cruzeiro e Grêmio, pela Série B do Campeonato Brasileiro. Nele, torcedores do Cruzeiro entoaram “Arerê, Gaúcho dá o cu e fala tchê”. O fato não foi registrado em súmula, mas o próprio Grêmio apresentou queixa contra o adversário no STJD. Dessa vez, a repercussão fez com que o Cruzeiro se sentisse ameaçado de perder pontos no campeonato. Por isso, o time decidiu fazer um acordo com o STJD para evitar o julgamento. A homologação do acordo foi realizada em 24 de junho de 2022. O Cruzeiro ficou obrigado a pagar uma multa de R\$ 30 mil, sendo R\$ 15 mil dedicados a causas sociais e R\$ 15 mil à CBF. Uma série de outras obrigações ficou acordada: utilização de bandeiras de escanteio e braçadeira do capitão com as cores do arco-íris, postagem em redes sociais de uma cartilha educativa contra a discriminação e a violência contra pessoas LGBTQIAPN+, publicação no site do clube sobre o Dia do Orgulho LGBTQIAPN+ e reunião com as torcidas organizadas para realizar um trabalho de conscientização. O clube se antecipou à homologação e realizou as “punições” rapidamente. Em 17 de maio, Dia Internacional de Combate à Discriminação, ao Preconceito e à Violência contra Pessoas LGBTQIAPN+, rea-

lizou uma postagem em parceria com a torcida LGBTQIAPN+ Marias de Minas. No dia 8 de junho de 2022, adotou as cores do arco-íris nas bandeiras de escanteio e na braçadeira do capitão.

Já no dia 22 de junho do mesmo ano, foi a vez do rival Atlético Mineiro. No jogo contra o Flamengo, pela Copa do Brasil, a torcida do time entoou: “Tu és time de otário e cuzão, puta, viado e ladrão, tomar no cu, Mengo!”. O cântico foi filmado durante a transmissão oficial do jogo, e a *Rede Globo* o levou ar, ao vivo. O árbitro Luiz Flávio de Oliveira e o capitão do Atlético Hulk pediram que a torcida parasse com os gritos. Porém, mais uma vez, o caso não teve relato em súmula. Isso fez com que tanto o Atlético quanto o árbitro, esse pela omissão, fossem denunciados. O Atlético e o STJD não chegaram a um acordo, como o que havia sido estabelecido com o Cruzeiro, e o time acabou sendo multado em R\$ 50 mil.

De todo esse cenário, destaca-se o fato de que, apesar da criminalização da homofobia, os cânticos homofóbicos ainda têm sido recorrentes. Além disso, os casos nem sempre são julgados, e, quando há condenação, muitas vezes ela se restringe a uma multa relativamente baixa, sem perda de pontos ou outra punição mais dura. O caso do acordo realizado pelo Cruzeiro, entretanto, representa um grande avanço, especialmente por ter incluído uma série de medidas educativas. É evidente que o contexto é de melhoria, e a criminalização da homofobia traz ferramentas novas e uma coerção maior contra o preconceito e a discriminação nos estádios, mas obviamente trata-se de um processo, e não era de se esperar que a homofobia sumisse de um momento para o outro.

O voleibol é um esporte que também tem sido bastante estudado no Brasil na sua relação com a masculinidade. Nas escolas, a trajetória da prática do futebol e do vôlei por meninas, meninos e meninos está intimamente ligada, uma vez que os meninos e meninos que fogem da masculinidade hegemônica frequentemente têm seu acesso ao futebol barrado e são “empurrados” para a prática do vôlei com as meninas. Assim, a trajetória dos meninos no vôlei ajuda a entender as dinâmicas de exclusão do futebol.

O vôlei é relacionado às mulheres e aos homens gays na cultura brasileira. No entanto, a relação com a homossexualidade masculina é feita de forma pejorativa, o que leva jogadores profissionais gays a permanecerem no armário, gerando uma disparidade entre o número de atletas amadores homossexuais e o número restrito de atletas profissionais que se afirmam desse modo. Para exemplificar como essa homofobia é sistêmica, Paula Chaves (2015) cita o caso do jogador Lilico, que era um dos atletas com maior desempenho do país, mas foi cortado da seleção que iria para as Olimpíadas de Sydney, em 2000, supostamente, por se afirmar publicamente como homossexual. A autora também destaca o caso de homofobia que, inclusive, ganhou destaque na mídia, contra o jogador Michel, em 2011, chamado de “bicha” pela torcida. Chaves desenvolve um trabalho com atletas amadores de vôlei. Muitos deles afirmam ter começado a praticar o esporte na escola com as meninas, já que as turmas eram divididas por gênero. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) comentou sobre essa generificação dos esportes.

Porque existe uma coisa na cabeça das pessoas que, por exemplo, tem esportes que são masculinos, esportes que são femininos ou que são esportes que são mais pra gays, né? Por exemplo, eu me lembro da infância de ouvir comentários de pessoas que tinham um padrão masculino, assim: “ah... vai jogar vôlei!” Como se o vôlei fosse um esporte pra gays ou um esporte feminino, sendo que não é. Não existe gênero [voz de riso] no esporte, né? (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Ao ingressar em times masculinos, os jogadores heterossexuais são continuamente questionados sobre sua sexualidade, o que faz com que eles se afastem dos jogadores gays e adotem posturas homofóbicas para se autoafirmar. Para Chaves, o comportamento também teria a ver com o “medo” de “se descobrir” homossexual ou “ser tornado” homossexual por algum colega. Alguns jogadores entrevistados por ela afirmavam que, justamente por causa desses estereótipos, seus pais se opunham a que eles jogassem vôlei.

A escola não é apenas um lugar que reproduz a violência de gênero e sexualidade, mas também um forte espaço de produção dessa violência. Jarlson Silva, Iraquitan Caminha e Bertyza Fernandes (2021) abordam a trajetória escolar de jogadores amadores de vôlei. Eles relatam terem sido chamados de “viados” pelos colegas constantemente, tendo sido humilhados e excluídos do futebol. Essa trajetória indica que os meninos afeminados não necessariamente deixam de praticar o futebol porque não gostam do esporte, mas sim porque são impedidos. Muitas vezes, essa dificuldade faz com que os alunos excluídos criem aversão às atividades esportivas, o que os leva

a se afastem delas até mesmo fora do ambiente escolar. Os jogadores entrevistados contam que viram outros meninos também desistindo de jogar vôlei para não serem chamados de viados.

Entre os alunos que seguiram suas trajetórias no vôlei, representando suas escolas em campeonatos, é comum que eles tenham sofrido pressão por parte dos treinadores para “não dar pinta”. Silva, Caminha e Fernandes destacam que isso faz com que esses jogadores fiquem “travados” em relação à sua manifestação de gênero mesmo depois de adultos, muito mais do que jogadores que começaram a praticar o vôlei fora do ambiente escolar. Para serem aceitos nos times, muitos meninos mantêm uma fachada normativa, disfarçando sua orientação sexual. Alguns internalizam essa repressão e a mantêm mesmo depois de adultos, acreditando que ser “discreto” é sinônimo de “se dar ao respeito”.